

DISTOPIAS DA SOCIEDADE DE CONTROLE: IMERSÃO NA SÉRIE DE TELEVISÃO *BLACK MIRROR*

Adalberto Ferdnando Inocêncio
Bruna Adriane Fary

Resumo: Este ensaio tem como objetivo analisar a materialidade das tramas de alguns fragmentos de episódios da série televisiva *Black Mirror*, a fim de cartografar o progressivo desdobramento das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. No âmbito metodológico, optou-se por criar categorias à medida que se identificam as sequências enunciativas referentes ao conjunto de episódios que compõe as três temporadas da série, considerando como focos analíticos não dados *a priori*: a) a falsa oposição entre virtual e real; b) a diluição na oposição dos territórios público e privado e c) as resistências que se manifestam como linhas de fuga à ordem dos poderes totalitários mobilizados em trama. Tais focos analíticos aparecerão diluídos e dispersos em duas categorias neste trabalho: 1) A tecnologia como um fator na nova mecânica do poder e 2) Os efeitos colaterais do controle: entre o prazer e o desconforto. Conclui-se que os modos de caracterização da sociedade de controle agitam e confundem os processos de reconfiguração da vida, uma vez que as fronteiras virtual/real, privado/público, natureza/máquina, deixam de fazer sentido numa ordem não mais binária. O que se põe em evidência é que adventos como o *Big Data* inauguram o fim do que se entendia, até então, por “livre-arbítrio” e privacidade, sendo as problemáticas oriundas do fenômeno cultural da tecnociência. Assim, a série televisiva *Black Mirror* é mais do que uma metáfora para a sociedade de controle, ela é a distopia para se pensar a contemporaneidade por excelência.

Palavras-chave: tecnociência; *Big Data*; sociedade de controle.

Abstract: This essay aims to analyze the materiality of the plots of some fragments of episodes from the television series *Black Mirror*, in order to map the progressive unfolding from disciplinary societies to control societies. In the methodological scope, it was decided to create categories as the enunciative sequences related to the set of episodes that make up the three seasons of the series are identified, considering as analytical focuses not given *a priori*: a) the false opposition between virtual and real; b) the dilution in the opposition of the public and private territories and c) the resistances that manifest themselves as escape lines to the order of the totalitarian powers mobilized in plot. Such analytical focuses will appear diluted and dispersed in two categories in this work: 1) Technology as a factor in the new mechanics of power; and 2) The side effects of control: between pleasure and discomfort. It is concluded that the modes of characterization of the control society agitate and confuse the processes of reconfiguring life, since the virtual / real, private / public, nature / machine boundaries no longer make sense in a no more binary order. What is evident is that adventures like *Big Data* inaugurate the end of what was understood, until then, by “free will” and privacy, being the problems arising from the cultural phenomenon of technoscience. Thus, the *Black Mirror* television series is more than a metaphor for the control society, it is the dystopia for thinking about contemporary excellence.

Keywords: technoscience; *Big Data*; control societies.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio busca analisar a materialidade das tramas que entremeiam a série de televisão britânica *Black Mirror*¹. Para isso, tenciona-se uma leitura de seus episódios aludindo a problemáticas que nos situam tanto no presente quanto servem de metáfora a uma virtualidade eminente que se encontra no campo do potencial, isto é, daquilo que pode (ou não) acontecer em um futuro próximo. Nesse sentido, intenta-se circunscrever a materialidade dos ditos dessa série em certas teorizações que buscaram captar o progressivo desdobramento das sociedades disciplinares para as sociedades de controle.

Neste íterim, encontram-se elementos potentes nas teorizações dos filósofos franceses Michel Foucault (2008; 2013) e Gilles Deleuze (1992; 2013), capazes de situar as problemáticas da trama em um contexto de narrativa mais ampla, quais sejam, as biopolíticas, as estratégias táticas dos dispositivos e fabricação das subjetividades que transitam e performam a trama em sua complexidade. Vale-se, também, de conceitos essenciais desenvolvidos por Haraway (2013), Lévy (2011), Beck (2010) e Bensaude-Vincent (2013), a fim de referenciar, teoricamente, sobre o modelo de sociedade tecnológica em que se vive atualmente, bem como os modos pelos quais esta perscruta, ao mesmo tempo, nossos corpos coletivos e condutas individuais, por meio de um aparato “ambiental”, usado aqui em sentido foucaultiano (2008).

Nesse tempo-espço em que os dispositivos de captura encontram-se de forma ainda mais difusa e tentacularizada nas mais diversas formas de aparelhos eletrônicos, admite-se que a cultura e a comunicação, são os elementos que interligam o potencial de regimento das vidas e os aparelhos tecnológicos que se destacam em questão. Nesse sentido, utiliza-se do termo distopia para referir-se a um quadro em que as pessoas tão somente desfrutam de benefícios garantidos por essas

¹ A partir da terceira temporada, a série deixa de ser reproduzida unicamente em um dos canais de TV do Reino Unido e passa a ser disponibilizada pela *Netflix*, uma provedora global de filmes e séries televisivas via streaming para assinantes. Aclamada pelo público e recebida críticas positivas de jornalistas influentes, a série passa a ser exibida na quase totalidade dos países. Antes mesmo de estreiar a terceira temporada, *Black Mirror* ganhou o prêmio de melhor série pela *International Emmy Awards*. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Mirror#Recep.C3.A7.C3.A3o.

tecnologias, mas de novas formas de controle e aprisionamento, oriundos de uma reconfiguração do social, por meio do controle proveniente da tecnociência.

O conceito de tecnociência é diverso e difuso. Entendemos o conceito conforme Benasude-Vincent (2013) descreve em seu livro *Vertigens da Tecnociência*, que a partir do século XXI os esforços visam fabricar uma natureza em detrimento de conhecer e compreender, em que se nota um primado da tecnologia sobre a ciência. Tal problemática, ainda controversa, é resultado de novos dispositivos de captura que compõem um espetáculo ardiloso em que, nas palavras de Bauman (2013, p. 19), “[...] o poder pode mover-se à velocidade de um sinal eletrônico”.

Essa condição distópica, referida anteriormente, também provém de problemáticas mais amplas de investigações, como as do sociólogo alemão Ulrich Beck em suas considerações de que vivemos, com o advento do pós-industrial, em sociedades de risco. Tal condição apregoa que até o século passado problemas tecnológicos não eram considerados como um desdobramento das relações políticas, criticando o mito moderno de que a ciência e a tecnologia estariam situadas como práticas capazes de cumprir a promessa de uma vida reduzida de problemas – como a desigualdade social e a fome, para ficar em exemplos mais emblemáticos.

A sociedade de risco é uma denominação que emerge da condição de reconhecimento de que se vive em uma modernização reflexiva. Nessa admissão, as metanarrativas ou grandes relatos de progresso histórico cedem a outras interpretações, como a do reconhecimento do caráter cíclico de história. “O ‘sujeito’ dessa destruição criativa não é a revolução, não a crise, a vitória da modernização ocidental”; é efeito de uma condição, de um estágio que passa a reconhecer que “o progresso pode se transformar em autodestruição” (BECK, 2012, p. 12-13).

No arranjo social teorizado para as sociedades ocidentais modernas, vive-se em condições predominantemente tecnocráticas, ancoradas em concepções segundo as quais “[...] a modernidade é reduzida ao arcabouço da tecnologia [...] Assim abordada, escapam a essa ideia [...] os conteúdos e consequências sociais, políticos e culturais dos riscos da modernização” (BECK, 2010, p. 29). A série *Black Mirror* parece produzir-se no interior mesmo desta dobradiça que reconhece o caráter incontrastável entre os desdobramentos da tecnologia, da ciência e as novas relações delas decorrentes.

No âmbito metodológico, optou-se por um ensaio em que as categorias adotadas são criadas à medida que se identificam as sequências enunciativas referentes ao conjunto de episódios que compõe as três temporadas² da série, considerando como focos analíticos não dados *a priori*: a) a falsa oposição entre virtual e real; b) a diluição na oposição dos territórios público e privado e c) as resistências que se manifestam como linhas de fuga à ordem dos poderes totalitários mobilizados em trama. Tais focos analíticos aparecem diluídos e dispersos em duas categorias neste trabalho: 1) A tecnologia como um fator na nova mecânica do poder e 2) Os efeitos colaterais do controle: entre o prazer e o desconforto.

A tecnologia como um fator na nova mecânica do poder

Uma incursão na obra de Michel Foucault permite notar que o filósofo teoriza a respeito de uma sociedade em constante transformação. Em uma síntese grosseira, ele se preocupou com um tipo de gestão e funcionamento de uma sociedade disciplinar (2013) e os modos de veiculação de uma anátomo-política, ou uma estratégia de poder que incide sobre o corpo individual, permitindo extrair deste a máxima força de trabalho possível.

Com a transição do século XVII para o século XVIII, o advento das sociedades industriais inglesas e o aumento populacional, o poder disciplinar mostra sinais de seu esgotamento. Controlar, em sentido individualizado, tal como acontecia na relação suserano-vassalo, torna-se uma tarefa pouco exequível em sociedades que se caracterizam, cada vez mais, pelo crescimento populacional e êxodo da população rural para os grandes centros urbanos. Nesse sentido, a biopolítica é pensada como nova estratégia de Estado para o agenciamento dos corpos. O biopoder passa a ser um novo modo de funcionamento das dinâmicas sociais, envolvendo, desta vez, todo o corpo social, a população, em suas características específicas – natalidade, mortalidade, fluxos populacionais, saúde-morbidade, deslocamentos, e quaisquer outras categorias que só possam ser pensadas para um coletivo populacional.

Apesar de Foucault ter falecido em 1984 e, portanto, não ter vivido a massiva “epidemia” tecnológica que passa a ser objeto de estudo para teóricos atuais, suas

² Totalizando doze episódios e não levando em conta o episódio especial de Natal.

teorizações orientam bases fundamentais nas noções de exercício de poder que são levadas em conta neste trabalho. Sua preocupação última e urgente era com os modos de constituição do sujeito em consonância ao regime de sua época. O declínio das formas de poder que assinalaram as sociedades disciplinares entra em crise, e este fator passa a ser admitido pelo filósofo no final de sua produtividade e vida. Em entrevista concedida a Asabi Jaanaru em Quioto, em abril do ano 1978 o filósofo já anunciava:

Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina, de tal forma que somos obrigados a pensar o desenvolvimento de uma sociedade sem disciplina. A classe dirigente continua impregnada da antiga técnica. Mas é evidente que devemos nos separar, no futuro, da sociedade de disciplina de hoje (FOUCAULT, 2012, p. 262).

Apesar de ter se inclinado a admitir esse esgotamento, o filósofo não estabeleceu como objetivo pressupor os pilares de uma nova conformação social que esteve prestes a se instituir e, tampouco esta afirmava, como veremos adiante, que viveríamos uma sociedade mais liberta, quando comparada às relações de dominação disciplinar. Entretanto, o controle, que ocorre por meio da captura de tecnologias, como os propiciados pelos dispositivos eletrônicos, se mostra como uma forma outra de dominação.

Cabe salientar que o amplo desenvolvimento tecnológico da segunda metade do Século XX e declínio das forças do Estado em inflexão com as forças de mercado, o exercício biopolítico não apenas usufrui da tecnologia a fim de continuar pondo em movimento uma forma de governo, como estratégias capazes de localização do sujeito, em um sentido topológico; mas age como uma força indispensável neste enredamento, para o qual uma separação entre humanos e máquinas tornar-se-ia pouco compreensível.

Buscando elementos na teoria do capital humano de Theodore Schultz, prêmio Nobel de Economia em 1979, Foucault discorrerá sobre os estilos de vida tomados agora como cálculos econômicos e seus “investimentos em capital humano”. É nesta nova modalidade do social, em que não apenas existe um forte acordo entre Estado e mercado, mas o primeiro passa a regular leis que potencializam os funcionamentos das trocas e serviços que favorecem o segundo, e que poderemos entender as

complexas governanças exercidas nesta sociedade empresarial munida pelos dispositivos tecnológicos.

Vive-se no advento do ciborgue de Haraway (2013), no mais alto grau de sofisticação que Foucault já anunciara em *O nascimento da biopolítica* e Deleuze dá continuidade no texto *post-scriptum sobre as sociedades de controle*: habitamos um território cartografado e minado por tecnologias que, tanto nos vigiam e controlam incessantemente, quanto nós mesmos somos capazes de vigiar e controlar outrem. Esse hábito não é meramente aliciado como uma obrigação, mas está maximizado no âmbito do desejo, de forma que passamos a amar e desejar essa forma de governo instantâneo e portátil veiculado pela ampla gama de dispositivos eletrônicos disponíveis no mercado, cuja tendência é sempre o barateamento, a fim de atingir uma parcela cada vez maior da população. Já reconhecia Deleuze (1992a, p. 2016) no final do século passado:

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte.

Além disso, a metáfora do ciborgue serve de reflexão para se reconsiderar a identidade dos humanos na era da tecnociência, em que o “eu individual” se dissolve nas fronteiras da cibernética e do organismo. Na mais alta performance da biopolítica que caracteriza a terceira revolução capitalista, os sujeitos incorporam para si as formas maquínicas do funcionamento social e, na mais alta eficiência desse processo, não apenas desejam ser governados por uma figura totalitária – seja o rei, o papa, Estado ou mercado – como também passam, eles mesmos, a governar o outro, que passa a ser lido como aquele que supostamente apresenta perigos quando distancia-se dessas estratégias de maximização econômica da vida. Neste íterim, as orientações totalitárias nunca estão restritas a uma dada instituição, mas permeiam os interstícios, os espaços microfísicos do social. A tecnociência, dessa forma, amplia os micropoderes nas máquinas sociais, em que a figura cartesiana dissolve-se nos fluxos cibernéticos e nos sistemas de relações.

Numa leitura complementar, as instituições de modo geral alteram sua forma de atuação na transição de uma modalidade de sociedade para a outra, de modo que não é exagero que se verifique um “estilhaçar no modo de funcionamento das instituições” (BAUMAN, 2013). Na sociedade de controle, não mais se esperam que certas medidas – como a de justiça social – sejam tomadas pelas instituições; há uma solubilização destas para o âmbito dos sujeitos. Pululam-se, deste modo, uma série de indivíduos (sempre tomados como parte de uma população) que passam a fazer o papel de fiscais, juízes, polícia... Tais papéis orientam-se em uma trama complexa de vigilância disseminada na qual se aciona um contingente maior de indivíduos para realizar uma tarefa. Como fora descrita por Mansano (2009, p. 51):

[...] a vigilância não incide apenas sobre aquelas pessoas que porventura sejam alvo de alguma suspeita ou respondam de fato por algum ato ilegal cometido. Ao contrário, qualquer cidadão, nas mais diversas situações, pode ser tanto um agente de vigilância quanto um alvo para o qual se direciona esse tipo de procedimento.

Deste modo, admite-se que os dispositivos tecnológicos estão, mais do que nunca, tentacular e capilarmente difundidos no tecido social e, alimentados pelas propagandas e promessas de uma vida melhor, facilitada por aparelhos eletrônicos e seus aplicativos, clamando por serem usados. Esta prática, que passa a orientar novos dispositivos como escâneres corporais e aparelhos de checagem biométrica, tem uma formação discursiva bastante datada, de acordo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2013): a necessidade de vistorias associadas ao pós-atentado de 11 de Setembro.

Sob esta perspectiva de vigilância do bom funcionamento social, conscientes ou não, os usuários podem se tornar engrenagens importantes que fazem circular e manter em funcionamento a grande máquina de controle, que tanto é estatal como se rendeu aos apelos do mercado. O comentário do criador Charlie Brooker a respeito do título da série para o Jornal *The Guardian* é conceitualmente revelador³:

*Se a tecnologia é como uma droga – e ela parece com uma droga – quais são precisamente os efeitos colaterais? Essa área entre o prazer e o desconforto é onde **Black Mirror**, minha nova série dramática,*

³ Disponível em: <http://www.ligadoemserie.com.br/2015/03/3-grandes-motivos-para-ver-black-mirror>. Acessado em 10/05/2017.

está situada. O “espelho negro” do título é aquele que você irá encontrar em cada parede, em cada mesa, na palma de cada mão: a fria e brilhante tela de uma TV, monitor, smartphone.

Com as tecnologias em formato portátil, capazes de monitorar cada membro de uma população em seu trajeto e atividade diária, novos desafios de categorização tornam-se pouco suficientes para explicar as relações que estão nos interstícios entre a máquina e o corpo, como é o caso da separação e manutenção do limite entre o público e o privado, convencionada pela estrutura social planejada e incitada na modernidade. Os usos dessas tecnologias produzem efeitos e performam novas modalidades de vida na sociedade de controle.

Dessa forma, as tecnologias da informação, bem como, as bio-nanotecnologias, dilatam os micropoderes que se tentacularizam de forma múltipla e insidiosa no tecido social. Neste formato, a tecnociência escapa à soberania política clássica, uma vez que, como processo histórico, ela transforma natureza e sociedade em um cenário experimental, “[...] é a governança pelas tecnociências” (BENASAUDE-VINCENT, 2013, p. 203).

Na próxima seção coloca-se sob tensão algumas leituras possíveis da materialidade discursiva oferecida pela trama e as teorizações que orientaram a conformação social atual descrita até este momento. Distantes de esgotar quaisquer outras análises da mídia televisiva, se aposta em uma cartografia inicial que, em sentido deleuziano, está aberta às multiplicidades, isto é, não exclui outras leituras e modos de entendimento possíveis da mesma trama.

Os efeitos colaterais do controle: entre o prazer e o desconforto

Para imergir na série televisiva e por meio dela problematizar alguns efeitos produzidos pelo uso de aparatos tecnológicos, na conotação que recebe esta prática na atual sociedade de controle, priorizam-se alguns elementos que compõe alguns episódios da trama. Um exemplo é o episódio *Five Millions Mérits*. A escolha é emblemática devido à forma gregária de vida regida pelas tecnologias que direcionam o rumo das atividades diárias do que se pode reconhecer por duas castas distintas que ganham contorno neste episódio.

A primeira delas é a de funcionários cuja rotina pode ser descrita basicamente por: acordar com um despertador interativo em tela que responde a comandos por sensores de movimento e trabalhar dois turnos diários; no restante de seu tempo, que pouco pode ser descrito como “hora de lazer”, interagem/participam de programas televisivos de auditório com outros funcionários de uma mesma empresa, em que cada um acessa virtualmente os lugares da plateia com seus respectivos avatares. O formato da vida espetacularizada alimenta o desejo de todos que maximizam o funcionamento deste local de trabalho a saírem das condições gregárias do labor mecânico e somático, que, neste episódio, aparece no ato de pedalar uma bicicleta ergométrica, aludindo à sensação de “pedalar sem sair do lugar” que, aqui, perde seu sentido conotativo.

À medida que a narrativa deste episódio se desenvolve, descobrimos que a segunda casta, a qual figura no espetáculo assistido como programa televisivo, não se revela como um estilo de vida tão confortável e desejado quanto aparenta para os telespectadores, que não apenas mudam de cargo ao assumi-la, mas estão ainda mais próximos dos efeitos reguladores daquele funcionamento social. Ocupando uma superioridade na aparente hierarquia social deste episódio, funcionam como um paliativo para aqueles que pedalam, atualizando uma versão moderna da política grega do pão e circo, contribuindo para o “anestesiamento político” de seus colegas de trabalho.

Até esse ponto, a sociedade representada pela narrativa, salvo as inúmeras metonímias das quais ele se vale (a bicicleta ergométrica no lugar do trabalho propriamente dito e os saldos de crédito em tela no lugar do dinheiro, para ficar em alguns exemplos) se parece muito com uma versão atualizada da vida que já se vive atualmente na organização social do trabalho. O dilema imanente às personagens deste episódio está, contudo, na oferta dos estímulos provocados pelos programas assistidos na parte final de seu dia, que atuam na ordem do desejo, agenciando que a mudança de uma casta para outra seja equivalente a uma promessa de “vida melhor”, já que nesta se deixa de pedalar a bicicleta para a aquisição dos créditos. Lembra Deleuze (1992, p. 221) que se “os jogos de televisão mais idiotas têm tanto sucesso é porque exprimem adequadamente a situação da empresa”.

Descobrimos, contudo, com o desenvolvimento da narrativa, que existem outras formas de contrato que enlaçam o destino dessas personagens dificultando formas possíveis de escape das formas totalitárias de poder. A trama nos instiga a pensar nos excessos de captura tecnológica dos setores laborais de nosso tempo, como o reconhecimento dos funcionários por cartões de trabalho, dispositivos que mapeiam sua eficácia, como os prêmios de funcionário do mês, ou o polêmico caso de Bruxelas, em que uma empresa fomentou um projeto de instalação de *microchips* nos funcionários⁴, o que facilitaria, em sua intenção, na liberação dos sistemas de acesso aos espaços internos da empresa e aos computadores em que estão dados sigilosos. São representativas, também, as alterações da legislação de diversos países com relação ao reconhecimento de tempo extra de trabalho para os casos em que há abordagens diretas dos patrões aos funcionários nas redes sociais.

Ainda neste episódio, os funcionários “debitam” parte de seu saldo para não assistirem aos excessos de anúncios que logo preenchem a tela cheia no início dos programas ofertados a eles, lembrando muito as estratégias publicitárias que agem, nem sempre de forma sutil, nas redes sociais disponíveis na atualidade. É possível elencar o exemplo de algumas mídias digitais que já estabeleceram parceria com outros setores de mercado, como, por exemplo, o site *youtube.com*, desenvolvido para que seus usuários sejam habilitados a postar e compartilhar com demais usuários vídeos de diversos conteúdos. Desde que alguns navegadores de internet passaram a equipar-se de uma ferramenta genericamente referida como *AdBlock*, a qual permite que o usuário evite propagandas presentes em páginas acessadas, a empresa *Google* encontrou uma maneira de “enganar” esses programas bloqueadores de propagandas. A maneira encontrada foi justamente a decisão de trazer propagandas curtas antes dos vídeos acessados pelo site *Youtube*. Apesar de o usuário ter a opção de não ver o anúncio todo da propaganda, é obrigado a assistir a um tempo mínimo de sua duração, que gira em torno de cinco segundos.

Outro elemento que se destaca ainda na mesma trama é a espacialidade do local em que esta se desenvolve. Composta por longos corredores e salas que, em

⁴ Uma das notícias referentes a este caso pode ser acessada na Revista Exame: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/empresa-belga-chama-atencao-por-implantar-chips-em-funcionarios/>.

seus elementos não discursivos, esquadriham os corpos dos indivíduos, individualizando-os, uma conformação que alude às discussões realizadas por Foucault (2013) em *Vigiar e punir*. A função espacial ainda desempenhada por uma instituição na forma de prédio e o modo com que este estabelece a disciplina dos corpos é evidente.

A escolha pela ampla descrição deste episódio se deu justamente por acreditar que ele denote uma forma possível de pensar na transição das sociedades disciplinares descritas por Foucault para as sociedades de controle descritas por Deleuze. Este espectro caminha da forma de vigilância do tipo panóptico que age sob os funcionários por meio das telas presentes em todo o espaço em que circulam até a noção moderna de fábrica como local de trabalho. Na visão de Bauman (2013, p. 18), Foucault concentrou-se na disciplina pan-óptica lendo-a como uma “arquimetáfora do poder moderno”, cuja função esteve voltada para o “treinamento da alma”. O sucesso desse dispositivo arquitetônico se deu com adoção do conhecimento arquitetônico baseado na “arquitetura moral” de Jeremy Bentham.

Tal constante passa a diluir-se progressivamente com elementos pós-industriais presentes na noção de performance e maximização da força produtiva exigida pelas empresas. A forma de recompensa dos funcionários também alude a sociedades não mais industriais, uma vez que não recebem salários, mas sim, um capital simbólico expresso na forma de cifras. Como afirma Deleuze (2013, p. 226) na sociedade de controle “[...] o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem”. Para o autor, “[...] a linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso a informação, ou a rejeição (DELEUZE, 2013, p. 226)”.

Pode-se dizer que na totalidade restante dos episódios existe uma tentacularização ou infiltração ainda mais estratégica do pan-óptico, característica das novas estratégias de controle, em que a “arquitetura das tecnologias eletrônicas pelas quais o poder se afirma nas mutáveis e móveis organizações atuais torna a arquitetura de paredes e janelas amplamente redundante” (BAUMAN, 2013, p.12). A estrutura de confinamento cede espaço para um controle de tipo “ambiental”, descrito por Foucault (2008) e passa a ser caracterizada por um estado de crise, como diz Deleuze (1992).

A instituição em seu formato de prédio e topologicamente localizável passa a atuar ao ar livre, como se anuncia de forma nítida nos demais episódios da série. As estratégias biopolíticas pelos sistemas portáteis ganham um contorno ainda mais acirrado no que se pode chamar de democratização de decisões punitivas que, como se convencionou socialmente, caberiam exclusivamente ao poder judiciário.

Nos episódios *National Anthem*, *White Bear*, *Shut up and dance*, e *Hated in the Nation*, especificamente, assiste-se a uma inquirição de domínio público que se avalia apto não apenas na designação do julgamento de outrem, como também da escolha da pena a ser paga por pessoas consideradas culpadas de um crime. Tanto as sentenças quanto as penalizações em questão alteram em torno desses episódios. Variando entre os episódios estão presentes casos distintos, envolvendo desde um rapto, homicídio infantil, demonstração pública de ódio nas redes sociais até a manutenção de culpado sob restrição a um “parque de diversões”, em que a atração é (a perseguição a) ela mesma (ao modo da grande franquia de programas Big Brother), até a localização e homicídio de cidadãos por abelhas drones teleguiadas por um *web* sistema.

Público e privado diluem-se em uma relação de poder exercida por pessoas anônimas que colocam outras vidas a mercê de uma modulação imprevisível da qual não se localiza, com muita certeza, sua origem; um processo consoante ao que já descreveu Deleuze (1992, p. 221): “[...] como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro”. Nesta investida, diversas instituições dissipam no sentido de estender sua área de influência aos cidadãos comuns. Nos referidos episódios a hegemonia do sistema judiciário cede lugar a uma dispersão em que pessoas anônimas e comuns passam a ordenar relações ardilosas e policialescas (MANSANO, 2009). Mansano (2009) exemplifica, ainda, que tais práticas são, na atual conjuntura, bastante comuns, como se pode verificar na presença de anúncios de serviços de denúncia do tipo 0800.

Munidos de aparelhos eletrônicos capazes de registrar e veicular conteúdos na internet, hackear programas de computadores capazes de acessar *webcams* e georeferenciar sujeitos nos espaços urbanos e rurais com base na memória de características fenotípicas – o que seria equivalente a um GPS voltado para o

gerenciamento de pessoas físicas –, uma parcela da população pública, capaz de entender o modo de funcionamento dos sistemas e *softwares*, passa a controlar o funcionamento dessas táticas e, não apenas intervir, mas reger no domínio privado de outras vidas que também usufruem dessas tecnologias. A gravação de conteúdos pessoais realizados somente no que se entendia por domínio privado passa a ganhar circulação no domínio público, acabando por confundir esses territórios.

Vê-se, nesses casos, que decisões que caberiam ao Estado são, agora, não apenas introjetadas, mas postas em funcionamento e circulação pelos consumidores de tecnologias móveis, pervertendo a noção moderna que se tem de justiça, um mecanismo perverso descrito por Bauman (2013) como adiaforização. Em seu funcionamento, perdem-se as condutas morais e a capacidade avaliativa crítica, e, como consequência, papéis que deveriam ser prestados por instituições como se assistia na chamada modernidade sólida, tornam-se, cada vez mais, serviços do tipo “faça você mesmo”.

Nas relações de poder propiciadas pelos aparatos tecnológicos portáteis e móveis presentes em todas essas narrativas é indubitável que as sanções características das sociedades disciplinares não desaparecem, mas são atualizadas nas sociedades de controle, ainda que seus efeitos sejam similares. Já anunciava Foucault (2013, p. 202-203):

Quem está sujeito a um campo visual, e sabe disso, assume responsabilidade pelas limitações de seu poder; faz com que elas explorem espontaneamente suas fraquezas; inscreve em si mesmo a relação de poder na qual desempenha simultaneamente dois papéis; torna-se princípio de sua própria sujeição.

Também já reconheceu Deleuze (1992) que não se trata de um abandono total de um tipo de sociedade a outra, pelo contrário, os mecanismos de controle só puderam ser postos em prática em sociedades que já experienciaram e assimilaram os efeitos da disciplina. Mansano (2009) endossa essa perspectiva alegando que a plataforma social que alimenta essas formas de sujeição só pode emergir em um território galgado nas biopolíticas, mas propiciado, também, pelos aparelhos tecnológicos que são hoje presentes e se imiscuem nas táticas de poder em vigência:

Com as invenções tecnológicas, podemos considerar que há uma produção de novos modos de subjetivação voltados para o controle, os quais, em nosso tempo histórico, incorporam, de maneira desejante, as ações de delatar, monitorar, inspecionar, vigiar e avaliar a própria vida, bem como a vida daqueles com os quais se convive (MANSANO, 2009, p. 71).

A invenção desse amplo quadro de dispositivos cria e, ao mesmo tempo, é criadora, de uma nova conformação social em que é interessante estar em alerta e estimular, como cidadão, uma ampla e significativa adesão por parte da comunidade a fim de instituir uma desconfiança generalizada, aumentando, ainda de acordo com esta autora, a necessidade de detectar tanto atos quanto cidadãos clandestinos julgados em trânsito no domínio da ilegalidade.

Deste modo, enquanto no episódio *White Bear* tem-se uma versão atualizada das modalidades de programas televisivos que levam em conta uma participação mais decisiva dos telespectadores para a decisão do enredo – como se tornou conhecido na realidade brasileira programas televisivos como *Você Decide*, transmitido pela Rede Globo de Televisão entre os anos 1992 e 2000 –; *Hated in The Nation* extravasa qualquer forma de compreensão dos mecanismos atuais de reconhecimentos fenotípicos que já usufruímos como forma de identificação de sujeitos – como os leitores biométricos eletrônicos de impressões digitais e da íris, usados por bancos e empresas de grande porte, ou dispositivos capazes de efetivas uma leitura facial à distância, bastante presente em inúmeros aeroportos.

Tanto em *Hated in The Nation* quanto em *Shut up and dance*, é possível reconhecer o funcionamento de uma maquinaria pós-pan-óptica, na expressão de Bauman (2013, p. 19), uma vez que, se em certo momento – como se encontra descrito anteriormente neste ensaio – uma operação de controle necessitava da presença (supunham-se os observados) de um inspetor, que se localizava em um dispositivo de visibilidade estratégico, “nas atuais relações de poder, os que controlam suas alavancas têm a possibilidade de [...] fugir para algum lugar inalcançável”.

Além das mensagens de texto enviadas via aparelhos móveis e a campanha pela via de *hashtags*⁵ disparadas nas redes sociais, os *drones* são dispositivos

⁵ De acordo com a coluna “Campanha nas redes sociais incentiva o uso de sapatos baixos” publicada no jornal Gazeta do Povo (disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/campanha-nas-redes-sociais-incentiva-o-uso-de-sapatos-baixos/>), o movimento

tecnológicos que garantem a via do anonimato de um grupo de pessoas nos dois episódios supracitados. Diminuindo distâncias entre as duas narrativas que compõe a trama e as novidades da engenharia robótica lançadas nas nossas sociedades, é mais uma vez Bauman quem possibilita um caminho capaz de unificar essas narrativas:

Os drones não tripulados, realizando tarefas de espionagem e rastreamento pelas quais os Predators se tornaram famosos (“Mais de 1.900 insurgentes nas áreas tribais do Paquistão foram mortos por drones americanos desde 2006”), estão sendo reduzidos ao tamanho de pássaros, preferivelmente ao de insetos. (O bater de asas dos insetos, ao que parece, é mais fácil de imitar tecnologicamente que os movimentos das asas dos pássaros; segundo o major Michael L. Anderson, doutorando em tecnologia de navegação avançada, as complexas habilidades aerodinâmicas da mariposa-esfinge, inseto conhecido pela capacidade de pairar, foram escolhidas como alvo da onda atual de design – não atingido ainda, mas a ser alcançado em breve –, em função de seu potencial de superar qualquer coisa que “nossas desajeitadas aeronaves podem fazer”) (BAUMAN, 2013, p. 26).

Deste modo, se um dos efeitos da sociedade de controle pode ser entendido como democratização das funções que incumbiam às instituições de outrora, o que passa a se tornar mais evidente é a ampliação de uma área mapeada, uma extensão mais precisa – e mais discreta – do controle, que passa a cartografar em dimensões minúsculas e virtuais.

Outro eixo analítico passível, aludindo à narrativa desses episódios, é a difusão que os dispositivos eletrônicos põe em evidência, nos usos coloquiais, da noção de virtualidade. Não raro somos interpelados por uma noção banalizada acerca do conceito de virtual, tomando-a como sinônima de “irreal” e “farsesca”. A noção de virtual empreendida neste ensaio está mais próxima do modo com que é entendida pelo sociólogo e filósofo Pierre Lévy (2011, p. 12): “[...] como o movimento mesmo do ‘devir outro’ – ou heterogênesse – do humano”; nesse entendimento, o virtual “tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário”. O oposto de

das hashtags começou quando a britânica **Nicola Thorp** compareceu a uma entrevista de emprego para uma vaga de recepcionista na empresa de auditoria PwC **calçando** uma **sapatilha**. Sem imaginar que isso pudesse ser um problema, ela nem chegou a ser entrevistada porque estava **sem** sapato de **salto alto**. O fato gerou **indignação** na Inglaterra depois que Thorp deu início a um **abaixo-assinado** para que a conduta da PwC quanto às exigências dos calçados de seus funcionários se torne **ilegal**.

virtual seria, então, o atual, e não o real. O virtual tem potencial de se tornar, ele está em constante devir e, longe de ser inofensivo, produz efeitos.

O episódio *The Entire history of you* gira em torno da oferta de microcâmeras capazes de se acoplarem ao sistema nervoso central e estabelecerem conexões simbióticas com os nervos ópticos, de forma que as cenas assimiladas pelos nervos tornam-se um tipo de “arquivo mental”. Estes, por sua vez, ficam armazenados em uma nuvem⁶. Deste modo, quem faz uso desse programa pode resgatar memórias que ficam salvas, do mesmo modo que se faz quando se utilizamos um aparelho celular. Na narrativa, essas gravações são projetadas na retina de quem as acessa.

A problemática da trama circula em torno do quanto esse modo de registro – tal qual os armazenados nos aparelhos eletrônicos – podem causar uma sensação de ansiedade extrema, causada pela ilusão de controle de si e do outro via acesso às memórias arquivadas. Cenas como a de um adultério tornam-se um arquivo que, sob ameaças de outrem, podem ser acessadas e assistidas. A problemática gira em torno de quanto, ao executar esse ato, acessa-se, também, a dimensão do virtual, mas à medida que este é acessado, atualiza-o para o real. O indivíduo pode ter a ilusão de viver novamente lembranças que estão em sua memória.

Prova-se, nesse sentido, uma dimensão filosófica do que passa a ser “viver o presente” nesta trama, quando este presente pode ser, justamente, o *replay* de cenas do passado. O *feedback* da vida nem sempre é uma memória promissora e a tensão pode acontecer quando um usuário se esquece de deletar conteúdos capazes de lhe causar algum tipo de ônus. Ou ainda, quando alguém invade suas memórias, suas lembranças, seu passado. Talvez as virtualidades da memória, da lembrança, do passado, são como as verdades em Nietzsche (2008, p. 36) “são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são”. Segundo o autor para se chegar a alguma verdade, é necessário o esquecimento, impossibilitado nas tramas que enredam essa sociedade tecnologizada.

A diluição entre virtual e real também pode ser lida no episódio *Nosedive*. Desta vez, a protagonista simula um tipo de vida pelas redes sociais. A questão chave nesta

⁶ A noção de computação em nuvem, no ciberespaço, refere-se ao fornecimento de serviços de computação – servidores, armazenamento, bancos de dados, permitindo aos usuários de sistemas eletrônicos realizar um backup, isto é, um armazenamento de seus arquivos, de modo que possam se tornar dados recuperáveis.

narrativa não é a da oposição entre uma vida real e uma vida enganosa, mas sim, o planejamento que a personagem tem, antecipadamente, de como viverá. O virtual é uma agenda de sua vida real, na qual a personagem “interpreta a si mesma”, não fazendo sentido as distinções. Além disso, o virtual é uma extensão de seu corpo orgânico. Nesta narrativa, há uma vida que se inscreve num emaranhado de dados armazenados na *Big Data*⁷.

A cada movimentação, postagem, transação, mensagem, *download*, *upload*, ou seja, a cada marca deixada no virtual, gera-se uma quantidade crescente de dados. Nas sociedades ocidentais pós-industriais, a noção de *Big Data* tem se fortalecido como elemento essencial para as relações sociais, econômicas e políticas. As suas ferramentas são imprescindíveis nas estratégias de marketing, da criação de um perfil de consumidor, na análise para aumento da produtividade, redução de custos e até mesmo na disseminação de informações alienantes, como as *Fake News*. São as tecnologias digitais que permitem explorar outras fronteiras do conhecimento, no que tange a coleta, manipulação, análise, exibição e até mesmo a venda de dados.

Além disso, nesse episódio a protagonista gerencia sua vida ao encontro de uma das discussões realizadas por Foucault (2008) em *O nascimento da biopolítica*. À medida que a narrativa se desenvolve, percebemos que as personagens são empresárias de si mesmas, apresentando-se no mais alto grau de personificação da governamentalidade neoliberal. Em sua análise da transição do liberalismo para o neoliberalismo, Foucault (2008) procurou mostrar que o sujeito só irá se tornar governamentalizável, isto é, que só de vai poder agir sobre ele, na medida em que ele é pensado como *Homo oeconomicus*, um produto direto da teoria do capital humano. Dessa forma, os dados, no século XXI, são uma fonte quase que ilimitada de capital.

Assumindo esta conformação, as pessoas maximizam suas vidas independentes, avaliam-se por meio da imagem que produzem de si nas redes sociais, atribuindo estrelas como forma de simbolizar uma nota relativa ao desempenho do indivíduo em seu dia, que nada mais é do que uma grande performance de auto empreendedorismo. Deste modo, todo o comportamento e desempenho individual são levados em conta: desde o cumprimento aos colegas no

⁷ “Um gigantesco banco de dados atualizado em tempo real, que atinge facilmente milhares de terabytes de armazenamento em diversos formatos” (MAGALHÃES et al, 2016, p. 76).

trabalho até a quantidade de *likes* recebidos nas publicações postadas em cada um de seu perfil na rede. Novamente é possível lembrar-se da passagem metafórica de Deleuze (1992) que já havia previsto o uso de aparelhos como espécies de “coleiras eletrônicas” em um futuro não tão distante.

Neste futuro distópico, trocou-se um quinhão de solidão pela falsa segurança existencial garantida pela visibilidade ofertada pelos meios eletrônicos. O preço a pagar é, novamente, a captura dos dados pessoais pelas redes e a convivência instantânea com suas assimetrias, que se demonstram de maneira pérfida em *Nosedive*. Na esteira do sujeito como empresário de si, Bauman (2013) acrescenta que este, ao se oferecer na forma de produto, passa a se tornar mercadorias vendáveis nessas relações:

A condição de ser observado e visto [...] foi reclassificada de ameaça para tentação. A promessa de maior visibilidade, a perspectiva de “estar exposto” para que todo mundo veja e observe, combina bem com a prova de reconhecimento social mais avidamente desejada, e, portanto, de uma existência valorizada – “significativa” (BAUMAN, 2013, p. 30).

O episódio serve de ironia à exaustão no desempenho de serviços e práticas de mercado que já circulam entre nós: cada vez mais um funcionário ou prestador de serviços é analisado por seu desempenho, damos notas aos serviços, como o Uber⁸, pela pontualidade que o motorista chega ao seu destino, às redes alimentícias pela velocidade de entrega, às descrições dos filmes presentes em páginas da internet, etc. Para a teoria do capital humano, não existe tempo livre, existe a maximização do tempo e a especialização de si mesmo. Nota-se, também nesta narrativa, a diluição da vida privada. A espetacularização da vida a torna pública, acessível e inclusive, rentável, pois assim fica mais acessível para empresas comprarem dados afim de criar um perfil do consumidor e dispararem propagandas direcionadas e endereçadas ao determinado perfil. O controle contínuo e a comunicação, segundo Deleuze (2013), são características da sociedade de controle, o confinamento da sociedade disciplinar

⁸ O Uber é um aplicativo de caronas oferecido nos dispositivos móveis. Os indivíduos acessam o serviço por meio de uma conta que, automaticamente, os localiza em uma dada topografia, indicando o endereço em que tanto o passageiro quanto o motorista se encontram. Alguns dos slogans presentes na página oficial da Uber são passíveis de uma leitura da perspectiva do capital humano: “Seja seu chefe, dirija seu carro” e “Ganhe dinheiro em seu próprio horário”. Disponível em: <https://www.uber.com>.

se enfraquece e dá sustentação ao advento das políticas dos dados. Os corpos passam a ser vistos como amostras-algoritmos e não mais como o par massa-indivíduo.

É preciso, também, explicitar que muitas das críticas figuradas em *Black Mirror* são releituras, e os propósitos com que são direcionados os usos tecnológicos reverberam elementos clássicos da história, como o próprio romance *Frankenstein*, da autora inglesa Mary Shelley, em sua primeira versão de 1816. O romance fora considerado a primeira obra de ficção científica. Permeada pelos mistérios da origem da vida, febrilmente estudada pelos alquimistas, sua narrativa envolve a criação de um “monstro” vivo a partir de partes destituídas de vida. Esta narrativa se repete no episódio *Be right back*.

Nesta, o marido da protagonista vem a falecer no início do episódio, o que faz com que ela acesse um serviço de inteligência artificial que lhe vende um *software* capaz de acessar os aparelhos eletrônicos utilizados por ele e assimilar as nuvens de registro que constam nesses aparelhos. Assimilando as gravações referentes aos ditos mais utilizados em vida pelo marido (que também ficam armazenados num sistema de nuvem), uma inteligência artificial entra em circulação na trama. Essa inteligência contém os rastros da vida virtual. Posteriormente, a esposa adquire seu “Frankenstein”: um corpo masculino composto por plástico se comporta como o marido, em princípio, e a protagonista tem a falsa sensação de superação do luto, dada a companhia do “boneco” que está sempre junto a ela, obedece seus comandos e forja uma existência. Nesta narrativa, o “monstro” tecnológico acaba por causar uma espécie de desconforto, e é deixado de lado, como um aparelho de obsolescência programada. Como vimos na descrição e análise dos episódios, os efeitos da tecnociência oscilam entre o prazer e o desconforto.

CONCLUSÃO

Como tratamento desses dados, utilizou-se de elementos que compõe a compreensão/transição das sociedades disciplinares, em perspectiva foucaultiana, alinhando a discussão, movimentaram-se algumas noções deleuzianas que caracterizam os territórios tecnológicos da sociedade de controle. Tal compreensão da sociedade se situa não mais por confinamento, como caracterização da primeira,

mas por controle contínuo e comunicação instantânea, resultando em uma sociedade gregária, em que o impossível parece ser desconectar-se da interconectividade que dispositivos cibernéticos produzem, induzem e seduzem.

Pode-se dizer que um dos objetivos da materialidade selecionada é o de pôr em evidência um aspecto nocivo das repercussões da tecnociência, de modo que, a fim de escapar temporariamente do controle, algumas personagens da série, como ao término de episódios como *Nosedive*, que ao ser aprisionada sai da cena do empresariado de si mesma, ou do protagonista de *The Entire history of you*, ao escolher remover o implante de seu corpo, recusem os modos de vida regidos pelas tecnologias digitais. Ambos aludem à ideia de que resistência, na série, está mais próximo da criação de vacúolos de desconexão, hiatos e desplugagens, desprendendo-se, ainda que momentaneamente, de gregarismos (DELEUZE, 2013), do que da criação de outros modos de vida no interior mesmo das sociedades regidas pelos dispositivos tecnológicos característicos do tempo presente.

Além disso, a materialidade explorada coloca em evidência que técnicas de poder são tão interiorizadas e se inscrevem na ordem do desejo, mexem e remexem nas subjetividades, inspirando modos e comportamentos de vida. Talvez sejam nestas instâncias que a falsa oposição do real e do virtual se forjam, uma vez que o biopoder, no século XXI está preocupado com um conjunto de mecanismos capazes de controlar, prolongar, vigiar e domesticar corpos, transformá-los em dados, *bits*. A diluição das fronteiras entre público e privado nos faz questionar o quanto as problemáticas da tecnociência, descritas como distopias na série *Black Mirror*, remontam à angústia de uma vida gregária, capturada.

Uma nova ecologia política instaura-se, uma vez que o sistema judiciário enfraquece sua autonomia por conta das pessoas anônimas e comuns que passam a ordenar relações políticas, a contribuir com likes, disseminação de *Fake News* e a abastecer a grande base de dados, *Big Data*. Como discutimos, a captura de conteúdos pessoais, como localização de pessoas, dados, que eram realizados no que se entendia por domínio privado, passa a ganhar circulação no domínio público, uma vez que basta um compartilhamento na internet, uma inscrição da vida orgânica no virtual, para fazer parte da rede que conecta informações. Para lidar com tais problemáticas, em busca de outros possíveis, a trama televisiva apresenta

personagens que criam uma desconexão, uma desplugagem desse sistema de vida gregária e controlada. Tais possíveis são mobilizados pelo curto circuito criado na lógica do controle na forma de vacúolos de conexão.

Os modos de caracterização da sociedade de controle agitam e confundem os processos de reconfiguração da vida, uma vez que as fronteiras, as oposições e diluições da vida virtual/real, privada/pública, natureza/máquina, não fazem sentido. Essa reconfiguração não poderia ser exequível sem o advento dos sistemas de abrigam os dados e monitoram informações e comportamentos. O que se põe em evidência é que adventos como o *Big Data* inauguram o fim do que se entendia, até então, por “livre-arbítrio” e privacidade, sendo as problemáticas oriundas do fenômeno cultural da tecnociência. Assim, a série televisiva *Black Mirror* é mais do que uma metáfora para a sociedade de controle, ela é a distopia para se pensar a contemporaneidade por excelência.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**: diálogos com David Lyon. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. in. BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. Controle e devir. in. DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. in. DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. A sociedade disciplinar em crise. in. MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos IV**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. in. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

MAGALHÃES, Jorge; HARTZ, Zulmira; MARTINS, Maria do Rosário O. Big Data para a investigação em saúde e a ciência aberta: um contributo para a gestão do conhecimento. **An Inst Hig Med Trop**, 2016.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sorria, você está sendo controlado: resistência e poder na sociedade de controle**. São Paulo: Summus, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. São Paulo: Hedra, 2008.

Notas sobre os autores:

Adalberto Ferdnando Inocêncio é graduado em Ciências Biológicas (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Economia do Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre e doutor (stricto sensu) pelo Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisa atualmente a interface Educação Ambiental na perspectiva de uma Ecopolítica/Ecogovernamentalidade.

Bruna Adriane Fary é licenciada em Química pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Mestra e Doutoranda em Ensino de Ciências e Educação Matemática pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina. Leciona a disciplina de Química na Educação para Jovens e Adultos – EJA, membra do GEPPMat - Grupo de Estudo e Pesquisa do Pensamento Matemático. Acredita que a Educação, o Ensino de Química/Ciências deve voltar suas atenções para uma Educação Científica que promova corpos que saibam lidar com as relações de poder e os modos de captura oriundos das relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente. Pesquisa nas linhas: Estudos Culturais das Ciências e das Educações; Filosofia da Diferença; História, Filosofia e Sociologia da Química/Ciência; Currículo, Gênero e Diversidade; Educação Ambiental e relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente e Educações e Mídias.